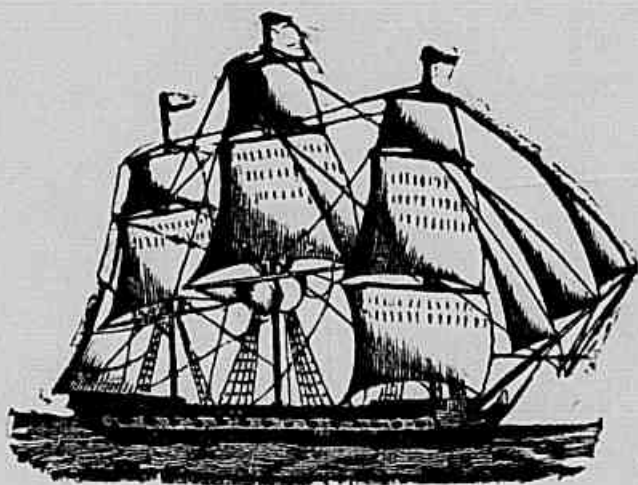




52-2.385

O CORSARIO,

JORNAL LITTERARIO E DE CRITICA THEATRAL.

E' meu barco o meu thesouro,
A Liberdade o meu Deos!
E'-me o pego unica patria
Lei a força, o vento, os céos!

ESPRONCEDA — Imitação.

Publica-se aos sabbados, na typographia GUANABARENSE de L. A. F. de Menezes, rua de S. José n. 45; onde subscrive-se a 1\$200 por trimestre; e vende-se avulso a 80 rs.

N. 3.

Sabbado 22 de Março.

1851.

O CORSARIO.

Sociedades dramaticas particulares.

O CORSARIO quando entrou em batalha, fez a sua profissão de fé. Combate affeito, mas combate isolado. Arredou de si os seus mesmos partidarios, que deslutam, em vez de engrandecer esta campanha, em que o fim é mais nobre do que muita gente pensa, e muito mais glorioso do que muitos cuidam.

Por consequencia delega de si, e em voz bem alta, todo o compromettimento que por ventura possa haver para elle nos *imprudentes* artigos que anteriormente se escreveram, fosse por quem fosse, para advogar a causa que hoje tomou a peito.

Esses nomes de VALLE, *Revisteiro do Brasil*, são inteiramente desconhecidos para elle. A questão agora é outra, mudou inteiramente de face. O CORSARIO segue uma esteira nova, caminha á luz d'outro céo, e ao marear d'outra agulha. Responde só pelas suas palavras, ou pelas doutrinas d'aquellas que abraçar como suas.

Diz-nos o *Orsatista* no seu 3.º numero, que lhe provemos se as suas palavras, quando falla da S. D. P. MELPOMENE, significam arrastar para o meio das praças *esse punhado de mancebos que estam fora inteiramente do alcance da severidade com que se podem tratar artistas de profissão*. Pois é verdade, temos a infelicidade de pensar assim, e nós nos explicamos.

A Sra. Montani, e o mesmo acontece ácerca da Sra. Orsat, quando representam n'uma sociedade particular, não são consideradas mais como artistas de um theatro publico, quer a sociedade a indemnisse ou não; por quanto, dando-se mesmo esse caso, os espectadores, ou antes os convidados, nada tem com um contrato particular, para o qual não concorrem com uma indemnisação pecuniaria como lhes acontece n'um espectáculo pago. Quando neste ponto defendemos a Sra. Montani, tornamos a repetir, pugnamos do mesmo modo pela Sra. Orsat, que da mesma maneira entra nas recitas dos theatros particulares, e recebe tambem as indemnisações com que a mimosea a associação para que foi chamada, ou convidada.

Outra razão poderosa para fundamentar-

mos a nossa opinião, é que as pessoas que representam ao lado de qualquer d'estas senhoras, immediatamente as colocam fóra de uma critica severa, e não pertencem por este motivo mais ao dominio publico, mas sim ao juizo benevolo de alguns convidados.

Pergunta-nos o collega, por que motivo voltamos contra elle todas as nossas armas? «*Será tambem por termos deixado passar em silencio a sua predilecta? Ou por termos tratado a Sra. Francisca Carolina com mais aspereza?*» Não é em particular por nenhum d'esses motivos; mas sim pela censura, que essas palavras trazem de um certo modo sobre a propria associação em geral.

Concluimos, convencendo-se o collega de que a Sra. Montani não precisa de elogios, pois basta fazer-se-lhe justiça, para ella contar com o triumpho. E se o collega lhe parece seria bom pormos de parte esta questão, que se vai tornando *rococó*, e nada adianta ao nosso fim principal. Não queremos com isto fugir a ella, mesmo por que não temos motivo nenhum para tal, mas havendo tantos assumptos de mais interesse, não seria escusado occupar-mo-nos mais d'este?

Duas palavras ao «Montanista.»

Quizeramos passar por alto as estultas sandices do *Montanista*. Mas elle desgraçadamente tem a louca presumpção de tomar o silencio d'aquelles que o despresam, por um signal de fraqueza. Pois bem, não o deixaremos por mais tempo n'esse doce engano d'alma.

Montanista, vamos fazerte a anthopsia.

Morresteis, é verdade, e morresteis da morte mais feliz que podieis morrer! Morresteis affogado na lama!! Vamos chamar dois pretos do ganho para vos desenterrar do entulho, e depois vos estenderemos apodrecido sobre as mesas do amphitriato.

Cadaver immundo, as tuas fibras infestam ao simples contacto como um miasma contaminador! Deixa descozel-as com o nosso escapelo uma por uma, para as atirar-mos depois no meio do charco donde te mandamos desenterrar.

Quem te deu a ousadia, truão ridiculo, de fallar alto, aonde se saúdam cavalheiros, que

levam a mão á espada, e tem a gorra na cabeça, em quanto tu descoberto no meio das praças fazes momos e visagens para divertir a multidão?

Que atrevimento foi esse miseravel rã, que te fez inchar como o reptil da fabula, para estorares agora pelos quatro costados se te esmagamos pondo-te o pé em cima?

Aonde estão os teus fóros de sabedoria, desprezível maltrapilho, para te atreveres a censurar os nossos artigos, que nem tu sabes comprehender, nem solletrar talvez? Quaes são os Diccionarios que consultaes, e aonde não áchas a palavra *fazedor*? Quem são os commentadores da algadencia que tu fallas, que nunca leram nem sequer um livro escripto na lingua de Bernardes ou de Camões?

Quem te deu o direito de nos fazer ameaças? Por ventura como aquella fabula de Lafontaine, queres um rei para te governar? Em lugar do pedaço de madeiro, nós te levantaremos no polourinho da irrisão, donde não possas desatar-te, e fiques mais grotesco do que o proprio Quasimodo da *Notre Dame*!

Tendes razão quando dizeis, infeliz pobre d'espírito, que estaes muito acima de nós ambos (*Orsatista* e *CORSARIO*), na realidade, na asneira estais muito acima de todos! Mesmo acreditamos piamente, que n'essa *especialidade* não conheceis rival, nem competidor.

Desta vez não terás a divina *Esmeralda* para te levar uma taça d'agua, quando te estorcere nos tratos vilipendiosos da tua propria parvoice, e apenas algum moleque te acenará de longe com um numero do *Montanista*, em guiza de bandeirola, e hades abaixar a cabeça como se te fulminassem com a sentença de Balthazar!

Provocaste a nossa collera, pois bem; ella te pulverizou, e continuará a lançar-te as cinzas ao vento, se te lembrares de estorvar a passagem, insignificante caravella, ao soberbo *CORSARIO*, que rasgando os mares, não te dá mais importancia do que a uma alga, que a maré levou á praia e que outra maré torna a retirar.

BIBLIOGRAPHIA**ULTIMOS CANTOS****Poesias do Sr. Dr. Gonçalves Dias.**

(Continuação.)

O livro do Sr. Dias, além das bellezas d'estylo de que fallamos no nosso artigo antecedente, appresenta um grande trabalho de metificação, cheio de novidade e brilho, apropriando o rythmo com a mais escrupulosa habilidade a todos os assumptos, que procura descrever-nos ou pintar-nos no prisma maravilhoso da sua fecunda imaginação. Com muito mais apreço avaliamos este trabalho do Sr. Dias n'um momento em que a rima, essa forma gentil do pensamento, esse involucro maravilhoso da idéa, esse *gaze* transparente em que se envolve a imagem, luta ha tanto tempo entalada entre dois versos agudos, que nos fazem muitas vezes o effeito do *ra ta plão* d'um aprendiz de tambor. O poeta brasileiro libertou-se, rasgou, e atirou para longe esse novo codigo penal dos modernos Aristoteles, que condemna o escriptor ás notas infalíveis d'um Cantochoão resmungado por meia duzia de rigorosos bernardos.—E' livre na sua forma, sem comtudo deixar de ser severo, e conservar-lhe os traços puros, que fazem admirar a Venus de Medices e o Jupiter Olympico, como um dos padrões admiráveis do genio—na voluptuosidade das fórmas e no rigoroso acabado de sua maravilhosa expressão.

O Sr. Gonçalves Dias conhece de certo os magnificos cantos de Zorrilla, o moderno Victor Hugo hespanhol, e proveitosa lhe foi a leitura porque vemo-lo transplantar para a lingua quasi toda portugueza as variadissimas fórmas, com que o escriptor hespanhol reveste as suas mais arrojadas concepções, e seduz o leitor nas variadissimas e pomposas galla da sua brilhante phantasia.

Os ULTIMOS CANTOS do Sr. G. Dias, são na realidade um monumento litterario de maior gloria para a paiz, e para o escriptor. E' sempre um dever que nós cumprimos cheios de satisfação, quando temos que saudar pela imprensa qualquer publicação deste genero. No seguinte numero fallaremos então com mais espaço da primeira parte das suas Poesias, que tem por titulo *Americanas*, visto que os limites deste jornal nos não deixão ser agora mais dilatados. (Continúa.)

No dia 21 embarcou a bordo do vapor *Bahiana*, o Sr. Dr. A. G. Dias, em direcção ao Maranhão. Grande numero de seus amigos acompanharam o poeta brasileiro, cheios de saudade pela sua ausencia, que não deve ser dilatada, mas que basta para fazer sentir a falta de sua companhia, tão apreciada por aquelles, que tem a honra de o conhecer. Fazemos os mais fervorosos votos para que a sua viagem seja prospera, e nos volte com brevidade, mais inspirado ainda, se possivel é, das margens soberbas do grande Amazonas.

A CRUZ DO VALLE.

I

Como a noite vai serena!
Doce brisa nem bafeja...
A vaga morre distante
Na praia que apenas beija!

Solitaria Cruz do Valle
Como estás silenciosa!
No cimo a corôa de goivos;
Aos pés as folhas de rosa.

Como é doce contemplar-te
No firmamento gravada!
Na terra humilde chorando,
No céu d'estrella coroad.

Qual seria a mão do triste
Qua a saudade aqui deixou,
Entre goivos, entre rosas
Suspiro d'alma arrancou?

Talvez memoria de mãe
Legada ao filho estremo;
Botão que a morte ceifára
De seu peito carinhoso.

Talvez só... uma lembrança
Do cansado viajante
Triste cantar d'amargura
Que o vento arroja distante.

Talvez um echo de peito
Bem profundo e bem ardente,
Que sentia a luz da vida
Apagar-se derrepente.

E veio aqui n'este valle
Cair a teus pés prostado
Pedir-lhe avives a crença
Que o mundo tinha quebrado !

E tu lhe d'este conforto
Dá-me a mim resignação,
Santuário destes campos,
Erma cruz da solidão !

II

Solitaria Cruz do Valle !
Repouso do peregrino
Tambem sou triste romeiro !
Vago errante e sem destino.

Tambem venho aqui sentar-me
Nos degraus de teu altar
E amanhã... novo caminho,
Que é meu fado caminhar !

Caminhar—e sempre e sempre,
Nas cidades—no deserto—
Duvidoso no presente
No futuro sempre incerto.

E acaso não tem esta alma
Soffrido trances fataes ?
E na lyra modulado
Só gemidos de meus ais ?

O facho vivo da crença,
Não senti quasi extinguir ?
E destruir-me o presente
As illusões do porvir ?

Té d'amor os vagos sonhos
Deu-lhe morte o desengano !
Depois do peito captivo
Precisava d'um tyrano !

Rasgou sem dó e sem pena
Os mais bellos dos meus cantos
Desfolhando a flôr da esp'rança
Na torrente dos meus prantos !

A mulher que amei foi fraca
Despresou tamanho amor !
Com receio dos espinhos,
Mais não quiz guardar a flôr !

E n'aquelles olhos puros
Quem não via a luz do céu,
Vago lume das estrellas
A brilhar por entre um véu ?

Anjo porém despenhado
Me foi mais essa illusão,
Aberto mais um abismo
Nos seios do coração !

Oh!...adeus campo saudoso !
Adeus ó cruz peregrina,
Vou vagar por esses ermos,
Vou cumprir a minha sina !

Feliz de mim se pudesse
A teus pés adormecer—
Mas na terra não descança
A cruz do meu padecer.

* * *



CHARADAS.

Faze assim, minha amada, assim mil vezes—1
Mas se eu fallar assim não faças não—1

Por que sómente a morte arrancar pôde
Teu nome do meu terno coração.

Assim da Tartaria o chefe
E' pelos homens chamado—1
Mas na Tartaria não
E na India só achado—1
E tambem no fim da Hollanda
Me achareis collocado—1

Cousa branca como o arminho
Tão pura como o crystal,
E quando cousa não sou,
Sou sómente uma mortal !

TYP. GUANABARENSE DE L. A. F. DE MENEZES,

Rua de S. José n. 43.